

Os meus comentários ás duas cartas de Antonio Sergio



Vejamos a primeira carta do ilustre escritor, onde palavras de belicoso génio galhofeiro, se infileiraram contra a Saudade... invulneravel como as creaturas sobrehumanas, em cujas veias corre divino sangue.

Antonio Sergio não admite a definição de Duarte Nunes para tecer os seus louvores á de Garrett. Ora, a verdade é que a d'este não contradiz a d'aquêle; sómente a de Garrett é menos completa que a de Duarte Nunes, e, por isso, preferimos a primeira. Duarte diz que a *Saudade* é a *lembrança* de alguma cousa com *desejo* d'ela; Garrett diz que a *Saudade* é um delicioso pungir, com *gôsto amargo*... *Gôsto amargo* implica a fusão do prazer e da dôr. A grande sintese para que tende o espirito humano, como veremos adiante, está estabelecida, ainda que d'um modo vago...

Duarte Nunes foi mais claro; apresenta a lembrança (símbolo do Espirito) e o desejo (símbolo do Animal) como sendo os intimos elementos da Saudade, a qual verdadeiramente interpretada, se torna, portanto, a nova Virgem christianissima e pagã, a celeste harmonia por que aneia a nossa pobre vida moderna, embrutecida de estreito materialismo mercantil, rastejando na baixeza das cousas e dos sentimentos, longe d'essa pura atmosfera espiritual que purifica as almas e lhes dá alma, alegria, nova Fé, victorioso esforço.

Nada quero saber do caracter de Duarte Nunes. Só me interessa a vida do seu espirito que n'ele, como em todos os sêres, é sempre intangivel e inocente.

Antonio Sergio confessa todavia que o que caracteriza a Saudade, é um certo *quid* de sentimento. Perfeitamente. E' n'esse *quid* que existe a sua essencia original, representativa d'uma Raça autonoma. Pois saiba o ilustre escritor que esse *quid* se contem na definição de Duarte Nunes e na minha. Consideramos a Saudade um sentimento-sintese, um sentimento-símbolo, resultante da fusão harmoniosa dos dois principios do Universo e da Vida que, desde a Origem, se degladiam: Espirito e Materia, Desejo e Lembrança, Dôr e Alegria, Treva e Luz, Vida e Morte.

Antonio Sergio não quiz compreender assim, e affirma erradamente que nós não definimos a Saudade, mas um rude factio geral de toda a animalidade. E como prova, apresenta uma chalaça canina que pode fazer arregar os dentes... só para rir, é claro.

Sim, meu caro amigo, eu conheço alguns cães bem mais capazes de sentirem a saudade que certos sêres da especie humana

Quanto mais conheço os homens, mais amo os cães, dizia La-martine.

A Saudade, como todos os sentimentos, é susceptível de graus inferiores e superiores. Ha a saudade rudimentar acessível talvez ás proprias arvores; e entre esta e a *saudade lusiada*, ha outros graus decerto não só comuns a todos os Povos, mas tambem a todos os seres vivos... A saudade d'um belo almoço em dias de fome, d'uma esposa, d'um filho, etc., evidentemente que é um sentimento comum de todos. Pretender o contrario seria infinitamente ridiculo!

A Saudade de que eu falo, a Saudade profundamente nossa, a Saudade que nos interessa, é aquella que o Povo cantou n'esta quadra:

De qualquer forma que existas
E's a mesma Divindade;
Ventura quando te vejo,
Se te não vejo, Saudade.

E a de Camões:

... a Saudade
D'aquella santa cidade
D'onde est'alma descendeu.

Não ha grande Poeta portuguez que não viva dramaticamente esta *Saudade*. E' ela a dolorosa essencia metafisica da nossa autentica literatura, incluindo a Poesia popular. E' a *Saudade do céu*, divina sede de perfeição e Redenção, o eterno Sebastianismo da alma portuguesa e a sua transcendente e poetica atitude perante o Misterio infinito!

Eis a Saudade que é só nossa, que é intraduzível, que é da nossa Raça, porque é de origem collectiva, e encontra a sua mais alta expressão no Cancioneiro do Povo:

Chamaste-me tua vida,
Eu tua alma quero ser;
A vida acaba com a morte,
A alma não pode morrer...

Byron traduziu para inglez esta quadra, por ser popular, porque lhe revelou o genio transcendente d'uma Nacionalidade.

A Saudade lusiada é religiosa, creadora de nova vida que deve dar uma finalidade superior á nossa Raça transviada.

Se ela nos antigos poetas (Camões, o Povo, Benardim, Garret, Bocage, Antonio Nobre, etc.) aparece sob a sua forma ainda infantil e instinctiva, é certo que os modernos poetas lhe têm dado consciencia iluminada, e o seu vulto indeciso de outrora, vae-se definindo em perfeita Imagem divina.

Deixe-me frisar ainda o seguinte: o que torna este alto Sentimento extraordinario e nosso, é o haver nascido da alma collectiva do Povo e não do temperamento excepcional de certos individuos.

Que importa que entre os outros Povos, apareça um ou outro individuo que sinta e viva a Saudade?

Eduardo Schurée, por ex., na sua obra "Evolução religiosa da Esphinge ao Christo", chega a conclusões saudosistas. Quer isto dizer que a alma da França seja igual á nossa? De forma alguma. Pode ser maior, mas não irmã.

Em Portugal, o primeiro poeta da Saudade foi, é e será o Povo. Eis a razão porque ela nos pertence exclusivamente. E, por isso, eu não me canço de afirmar que existe na Saudade a luz orientadora do nosso espirito. ~~Compete á geração actual e ás que vierem, dar-lhe uma alta consciencia, convertê-la n'uma força espirital que nos redima, que leve os portuguezes a abrirem com suas proprias mãos, a porta do Futuro.~~

No campo poetico e mesmo filosofico (vid. Obras de Leonardo Coimbra), alguma cousa se tem feito já. Nas minhas conferencias tentei apenas definir em formas ligeiras e acessiveis, o que poetica e, portanto, dispersivamente, se contém nas obras de alguns modernos escritores e artistas.

Já vê o meu caro colega que não se trata de *Saudosismo* preconcebido, de codigo literario, de formulas artificiaes ou cousa que se pareça.

Tambem erra, meu caro amigo, quando afirma que a Saudade é retrograda e paralitica, o que, aliás, se depreende do já exposto. Não resulta ela da combinação activa e amorosa dos dois principios da Vida? Na Saudade, o desejo e a lembrança perpetuamente se casam e fecundam, porque ela é o simbolo da Natureza, desenhado pelo nosso espirito lusiada... D'aqui tirou Leonardo Coimbra a sua filosofia creacionista, a filosofia da maior mobilidade, anti-cousista por excelencia, que só vê no Universo o seu constante devenir, a sua eterna criação espiritual.

Sim: a Saudade é a grande creadôra do Futuro, mas não tira o Futuro do Nada, não consegue um Futuro de geração expon-tanea ou caido miraculosamente das estrelas.

Ela construe o Futuro com a materia do Passado. O meu querido camarada parece querer eliminar o Passado. E' apenas um belo gesto quixotesco... O Passado é indestructivel, n'ele murmura a fonte onde bebemos as novas energias. Ai de nós se não tiveramos Passado! Ai, da arvore, sem profunda terra onde mergulhar as raizes! Não pode fructificar.

Agora a segunda carta.

Diz Antonio Sergio que eu considero como absolutas, definitivas, a filosofia, a religião, contidas na Saudade. Se a Saudade é o simbolo da Vida na sua eterna transformação creadôra, emquanto a Vida não mudar de natureza ou emquanto se não demonstrar que ela é a eterna ausencia de movimento, a eterna inação esteril, é certo que o sentido da Saudade é verdadeiro, definitivo, absoluto, pelo menos, humanamente falando... Mas eu jámais afirmei que a concepção estetica, filosofica ou religiosa comprehendidas na Sau-

dade sejam absolutas, verdadeiras, definitivas. Seria contradizer a propria essência do nosso divino Sentimento. Saudade é criação, perpetuo casamento fecundo da Lembrança com o Desejo, do Mal com o Bem, da Vida com a Morte... De resto, deixe-me dizer-lhe: *verdadeiro* é tudo aquilo que o espirito concebe. Uma ideia, emquanto vive, é verdadeira. Ora nós, em Portugal, precisamos d'uma *Verdade* que seja a nossa razão de ser. Concorda?

Finalmente, o meu bom e admirado colega, quer demonstrar que a Saudade pertence a outros povos, além do português e que ha palavras em outras linguas equivalentes á palavra Saudade.

Apresenta, como prova, o que diz Garrett e que eu transcrevo aqui para comodidade do leitor: "é, porventura, o mais dôce, expressivo e delicado térmo da nossa lingua. A ideia, o sentimento por ele representado, certo que em todos os paizes o sentem, mas que haja vocabulo especial para o designar, não sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa." Quem ler sem preocupações anti-saudosistas, estas palavras do genial auctor do "Frei Luiz de Souza" nota que ele admite (pudera não!) que um francês, inglês ou suco ou cafre ou chinês exilado, sinta nostalgias da patria ou chore a perda d'uma cousa ou pessoa querida; *mas julga* a palavra *intraduzivel*... Acredita, portanto, que este sentimento, creando, entre nós, uma palavra propria, adquiriu, na alma portuguesa, uma feição original, o tal *quid* de que Antonio Sergio falou na sua primeira carta. Garrett caiu n'uma certa contradição...

Todas as linguas têm as suas palavras intraduziveis. São elas que mostram o que ha de original e caracteristico na alma d'um Povo. Que quer dizer palavra intraduzivel? Quer dizer que o seu sentido é propriedade exclusiva dos que falam a lingua de que faz parte tal palavra. Para Garrett, existe, portanto, na Saudade qualquer cousa que só pertence aos portugueses.

E' pelos cantos populares que se pode conhecer como vive n'um povo um determinado sentimento. O nosso Cancioneiro é a maior prova da naturêsa essencialmente lusitana da Saudade. Não ha outro povo, além do catalão, que a compreenda e viva como nós. E assim se explica a profunda e já secular simpatia que prende as duas nacionalidades da Iberia.

Afirmei isto na minha segunda conferencia—"O genio português," depois de ter lido o "Portugal litterari," e as "Atlantiques," do eminente escritôr catalão Ribera y Rovira; ele mesmo afirma que *Anyorança* é a unica tradução que existe de Saudade, e que este sentimento só é proprio de catalães e portugueses. Exclue, portanto, os outros povos. Não falou na Galisa, porque a Galisa é ainda Portugal.

De resto, na 2.^a quadra que cita de Rosalia de Castro, vê-se que a illustre poetisa adoptou o nosso vocabulo, e não se pode confundir soledade com saudade. Nós tambem temos as duas palavras.

Quanto á opinião dos estrangeiros citados, de que em outras

linguas ha palavras que traduzem a Saudade, posso apresentar-lhe outras opiniões em contrario não menos illustres, como as de Duarte Nunes, Garrett, Ribera y Rovira, Miguel de Unamuno, etc.

De resto, eu sei lá o sentido intimo d'essas palavras arrevedadas, doru, saknad, savn, saknaor, etc.!!! Eu não sei, nem o meu caro amigo! George Marsh gostou da Saudade e quiz presentear com ela os seus irmãos do norte...

Disio, ⁽¹⁾ assim como *regret* ⁽²⁾ pouco têm que vêr com a Saudade. Esta nossa divina palavra, não me canço de repeti-lo, contém o sonho da nossa Raça, o seu intimo e transcendente mobil messianico e redemptor; por isso, ela é intraduzível, *portuguesa*, e explica os nossos grandes acontecimentos historicos, a alma dos nossos grandes homens, e creará o nosso sonho do Futuro, uma Aspiração nacional que una os portugueses d'aquem e d'alem-mar.

Eu creio n'um destino messianico da minha Raça, e sinto, por isso, a Saudade. Que me seja permitido este orgulho nascido da leitura das cantigas do Povo e da contemplação da montanha e do rio e dos outeiros da minha terra natal. Eu sei o que a Saudade encerra, isso que só nos pertence a nós colectivamente:—Um sentido amoroso das cousas e dos sêres, da Vida, emfim, sentido mistico e terreno, que, trabalhado pelas almas eleitas, se tornará a Razão superior da nossa Patria, a sua grandeza futura,—grandeza moral, pelo menos.

A proposito ainda da Saudade, Antonio Sergio atira á minha humilde pessoa, que não é mais n'este mundo (pobre d'ela!) que um vago murmurio de ansiedade, com grandes nomes estrangeiros. Não sei porque motivo. Que tem a Saudade que vêr com Homero ou Marconi?

O meu caro Antonio Sergio ama a chalaça; a Europa deu-lhe scepticismo de mistura com electricidade e carvão de pedra...

As suas palavras *modernistas* são aviadoras; pairam, portanto, sobre as cousas, sem pousar...

Desça, desça um pouco á alma da sua Raça,—que o meu amigo é capaz de a sentir admiravelmente. Verá então como ela, dentro do seu caracter original, é capaz de crear uma obra mesmo para além dos tempos de hoje, escuros e dolorosos tempos de transição.

Por maior que seja o ruido da Materia, a Humanidade não pode deixar de ouvir a voz da Alma; tal facto seria o seu suicidio.

Se o mundo é suportavel, meu caro amigo, é porque sobre a

(1) E pronti sono al trapassar del rio
Ché da divina giustezia gli sprana
Si che la tema se volge in *disio*.

Se os vês ter pressa de transpôr o rio
E' que o espinho da culpa cada um sente,
E o seu terror se muda em *desvario*.

Trad. de Domingos Ennes (Inferno, canto III).

(2) ... désir mêlé de regret, la *Saudade*... Philéas Lebesgue (*Mercur*, n.º 339, pag. 645).

sua bruta dureza impassível, repousa o afago etereo do Sonho divino... gesto de belêsa abençoando a Vida...

O commercio, a industria, a sciencia, a navegação, etc., devem estar ao serviço da Alma, como as pernas e os braços do homem estão ao serviço do seu pensamento e da sua vontade.

A nossa crise é, sobretudo, de natureza moral. Resolvida ela, o resto nos será dado em excesso. E' preciso que o português se torne um sêr animado, que resurja d'esta mortal apatia, por meio d'uma saudavel educação de acôrdo com o genio da sua Raça.

E' preciso que o Povo, sintetizado n'uma *élite*, encontre n'ela os seus instinctos ráricos convertidos em conscientes ideias definidas orientadoras d'uma nova acção politica e social. E é necessario que d'essa *élite* ou d'esse povo, surja o homem que saiba condensar o sonho em realidade, que saiba transformar a sêde em agua que se beba...

Veja, meu caro, na Belgica, as grandes questões literarias sobre se ha ou não uma *alma belga!*

Veja, na França, a orientação dos novos. Veja o culto que eles prestam á velha e heroica alma francesa!

Leu o discurso de Poincaré na casa do commercio, de Londres? Ele afirmou ahí que um Povo, quando quer encontrar energias novas, tem de ir procurá-las ao seu passado.

E o meu caro amigo deseja eliminar Camões! Que loucura! Uma Patria necessita de se firmar constantemente na sua individualidade esculpida pelos seculos. Do contrario, será uma sombra apagada, um *ninguem*, n'este mundo. Para *agir*, é preciso *ser* antes de tudo.

Resumindo: A Saudade, como ela é hoje compreendida, não é mais que a Saudade de Camões, do Povo, de Bernardim, a converter-se em consciencia poetica e filosofica. Representa, portanto, a raça lusitana na sua expressão subjectiva; é o seu intimo perfil eterno e original. O povo português creou um sentimento susceptivel de se tornar um alto criterio orientador. A palavra Saudade não encontra em outras linguas (salva a excepção apontada) um vocabulo correspondente.

A Saudade é nossa, como Apolo é da Grecia, e Jeovah da Palestina.

N'ela e por ela resurgiremos da morte.

Se a *lembrança* é a sua alma, o *desejo*, a *esperança* é a carne e o sangue vivo do seu corpo. Tem uma face voltada para o Passado e outra voltada para o Futuro.

A sombra do que passou, amanhece nos seus olhos: é a luz do novo Dia...

Hotel Mary Castro
17 de setembro

Teixeira D. Soares